

Juca e Maria, na delegacia e na democracia

Giancarla Brunetto

Juca foi autuado em flagrante/ Como meliante/ Pois sambava bem diante / Da janela de Maria/ Bem no meio da alegria/ A noite virou dia/ O seu luar de prata/ Virou chuva fria / A sua serenata / Não acordou Maria/ Juca ficou desapontado/ Declarou ao delegado/ Não saber se amor é crime/ Ou se samba é pecado/ Em legítima defesa/ Bateu assim na mesa/ O delegado é bamba/ Na delegacia/ Mas nunca fez samba/ Nunca viu Maria

A música Juca, de Chico Buarque de Holanda, faz parte do primeiro disco do artista. O álbum foi lançado em 1966, em plena vigência da ditadura militar no Brasil. A letra de Juca, e de outras canções feitas no mesmo período como Apesar de você, A banda, Carolina e Cálice, são argutas, sutis e irônicas percepções sobre a sociedade brasileira em um momento onde a repressão policial e a censura governamental amordaçam a liberdade de expressão, os direitos civis e sociais; onde o autoritarismo impõe um caminho; onde a consciência autônoma e crítica é perseguida até a tortura consumada e ao desaparecimento sumário. De um lado, a imposição de um Estado autoritário. De outro lado, os protestos e movimentos pela democracia, como a peça Roda Viva. Durante uma apresentação no Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, integrantes do Comando de Caças aos Comunistas invadiram e depredaram o local, e espancaram os artistas. Por conta das ameaças que sofreu, Chico exilou-se na Itália três anos depois, em plena vigência do Ato Institucional 5. O AI-5 teve super-poderes como fechar o Congresso Nacional, cassar mandatos e censurar a imprensa. Essa mordaza perdurou com pleno vigor até o ano de 1978, mas as feridas na alma da identidade nacional que ficaram como legado desse período até hoje não cicatrizaram plenamente.

Essa mordaza não conseguiu impedir a expressão por meio da arte e da defesa dos direitos humanos. À primeira vista podem parecer áreas diferentes, mas na verdade são interrelacionadas. As expressões artísticas são as mais eloquentes formas de manifestação do humano, e portanto, da defesa do humano, da dignidade humana. O samba, por exemplo. Com suas raízes negras foi inicialmente criminalizado no Brasil, associado à malandragem e bandidagem, e posteriormente alçado à preferência nacional, visado por setores da elite cultural, da grande mídia, e por tentativas de cooptação por parte dos governos autoritários. Os slogans criados no auge do nacionalismo no país durante o governo Médici (1969-1974), "Brasil, ame-o ou deixe-o" e "Este é um país que vai pra frente", sintetizam os meios e os fins que cercearam, controlaram e reprimiram as liberdades

individuais, os direitos sociais dos brasileiros, a total violação dos direitos humanos. Em contrariedade ao ufanismo engendrado pelos governos ditatoriais, e movidos pela afirmação de uma identidade nacional descolonizada, genuinamente brasileira, artistas, intelectuais, representantes da sociedade civil se manifestaram de diversas formas. As passeatas e reuniões de grupos eram ações tidas invariavelmente como "comunistas". As salas de aula, espaços culturais, e em todo e qualquer momento, tempo e lugar, havia censores, delatores, relatores que monitoravam como um grande irmão que visava sempre desmascarar possíveis guerrilheiros e terroristas. Quando, na verdade, o terror era o próprio governo. E quem ousasse pensar contra, manifestar-se contra, ou apoiar quem fosse contra, era considerado um banido, bandido. Defensores de direitos humanos eram, pois, defensores de bandidos. Os próprios bandidos.

Chico Buarque fez de cada letra uma música, e cada música é um poema musicado que mostra seu olhar pela janela da alma, acompanhando um Brasil nos anos 60, nos anos 70, um Brasil cujos governos fechavam as janelas para as almas livres. Em Carolina, Chico versou: "Lá fora, amor, uma rosa nasceu, todo mundo sambou,/ uma estrela caiu/ Eu bem que mostrei sorrindo, pela janela, ah que lindo/ Mas Carolina não viu.../ Carolina, nos seus olhos tristes, guarda tanto amor, o amor que já não existe,/Eu bem que avisei, vai acabar, de tudo lhe dei para aceitar/ Mil versos cantei pra lhe agradecer, agora não sei como explicar.

Juca não podia fazer uma serenata para Maria, e por isso foi parar na delegacia. Juca sambava, por isso era meliante, por isso foi autuado em flagrante. Se amor é crime, se samba é pecado, pouco importa, o que importa é o que manda o delegado. Juca viu a delegacia, e não viu Maria. Assim como Juca, muitos brasileiros não conheceram a democracia. Muitos brasileiros viveram, lutaram, se manifestaram e inclusive desapareceram – ou melhor, foram desaparecidos – porque aspiravam a democracia. Como o historiador e pai de Chico, Sérgio Buarque de Holanda, escreveu em *Raízes do Brasil*, “A democracia, entre nós, sempre foi um lamentável mal-entendido”.